

1 Introdução

O trabalho que se segue trata dos diferentes significados das cores e seus graus de idiomatismo em palavras e expressões na Língua Portuguesa no Brasil.

Acredita-se que o estudo aqui apresentado possa contribuir para o aprendizado do Português como Segunda Língua (PL2) e/ou Português para Estrangeiros (PLE), bem como para uma reflexão do falante nativo sobre o Português como língua materna.

Aprender uma língua, materna ou estrangeira, mais do que expressar conteúdo, é aprender a conversar, é expressar relações sociais e atitudes pessoais.

Aprender uma língua estrangeira é, antes de tudo, entrar em contato com uma nova cultura, um novo contexto de vida, novos comportamentos. É perceber que a linguagem tem relações estreitas com outras dimensões extralinguísticas, outras estruturas de significado socialmente estabelecidas.

Geertz (1989) e Eco (1985) reafirmam essa inter-relação linguístico-cultural de significados, e propõem uma abordagem semiótica da cultura, da linguagem e das cores, ao trabalharem com o universo de símbolos que o homem criou em sociedade.

Segundo os autores, o homem vive e se comunica por entre teias e formas simbólicas, ligadas tanto quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, interpretadas e organizadas pela cultura em sistemas de significação, e verbalizadas pela linguagem.

Aprender o significado das cores numa língua é, portanto, ir além da evidência sensorial e perceptual de um pigmento ou substância; é mergulhar nesse universo de símbolos que vem acompanhando a humanidade por longo tempo.

De um modo geral, embora com representação por vezes diversa em cada cultura, as cores sempre estiveram ligadas a estados emocionais, a conceitos subjetivos ou a códigos sócio-político-culturais.

O luto no Brasil, por exemplo, é representado pela cor preta; já na Índia e na China é o branco que desempenha essa função. Esse luto branco está de acordo com a ideia religiosa da reencarnação, muito presente na Ásia através do Budismo, que não considera a morte como uma despedida definitiva do mundo

(Heller 2007). A mesma cor branca representa quase universalmente a paz, a pureza, mas no Congo é o azul que simboliza esses valores (Eco 1985).

É no mundo islâmico e no Congo também que o vermelho está ligado à fé, enquanto na nossa cultura ele significa basicamente paixão, vida, perigo, interdição. O vermelho é ainda a cor das noivas chinesas e hindus, porque em tais culturas essa é a cor da felicidade, da alegria, da beleza. Vale observar que o signo chinês para vermelho contém também o signo para seda (Heller 2007), ou seja, além da proximidade linguística, ambos os signos somam a beleza da cor, o brilho do tecido, a riqueza do traje.

Na Rússia, o vermelho também é sinônimo de belo, magnífico, bom, valioso. A Praça Vermelha de Moscou já se chamava assim muito antes da Revolução, em 1917. A associação da cor vermelha ao Comunismo se deu porque os revolucionários se inspiraram nos ideais de liberdade (na França, com os Jacobinos, em 1792) e de valorização do trabalho operário (em Lyon, com o motim dos tecelões de seda, em 1834). Em ambas as situações a bandeira era vermelha (Heller 2007).

Para a nossa cultura, a cor naturalmente oposta ao preto é o branco; já para a cultura chinesa é o amarelo, símbolo da luz, da sabedoria, da perfeição. Os brasileiros recebem os soberanos com tapete vermelho; os chineses, com amarelo.

A simbologia das cores se confronta, portanto, em sua diversidade, nas várias culturas, enriquecendo e ampliando o universo de significados e vivências dos indivíduos.

É importante, pois, observar que quanto maior for a diversidade de culturas/origens/ nacionalidades dos aprendizes de PL2/PLE mais rica será a aula, maior o interesse e a curiosidade gerados e mais dinâmica a troca de conhecimentos.

Torna-se difícil, hoje, compreender as cores com suas práticas e seus significados se não as relacionarmos com as dos tempos passados, com as quais estão em continuidade ou, mais raramente, em ruptura. As várias fases da denominação e do uso das cores na história ocidental são geralmente marcadas por um dado cultural.

Na Idade Média Feudal (séculos X a XII), por exemplo, havia apenas três polos cromáticos: o branco, representando o limpo, o vermelho, o colorido, e o preto, o sujo.

Dos séculos XIII a XIV, final da Idade Média, novas combinações apareceram, acrescentando às anteriores o azul, o verde, o amarelo. Depois, com o início dos tempos modernos e principalmente com a “caça às cores” preconizada pela nova moral cristã do Protestantismo de Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564), o preto e o branco passaram a ser enaltecidos e seu uso recomendado por serem as únicas cores discretas, puras, dignas.

No século XVIII, com Newton (1643-1727), deu-se a classificação espectral das cores, onde o preto e o branco não entravam, este por ser a soma de todas as cores e aquele por ser a ausência de cor.

A partir dos séculos XVIII e XIX (Revolução Industrial) os valores protestantes influenciaram os do capitalismo crescente e o hábito de opor o preto e o branco às demais cores permaneceu e continuou com força nos séculos XIX e XX. Dessa forma, a fabricação de vestuário e de objetos de uso cotidiano (peças de banheiro, utensílios de cozinha, telefones, máquinas de escrever e fotográficas) rendeu-se ao preto e branco.

Hoje, depois de um culto à profusão de cores vivas (após 1960), o mundo revaloriza o preto e branco em cada produto, incluindo a fotografia e o cinema, com a marca da classe, do prestígio e da elegância.

O vermelho é a cor por excelência, a cor arquetípica, a primeira de todas as cores. Em algumas línguas, como se viu anteriormente, a mesma palavra significa vermelho e colorido. Noutras há uma sinonímia entre bonito e vermelho. E noutras ainda, entre vermelho e rico. A simbologia do vermelho está quase sempre associada a experiências existenciais e elementares do homem com o sangue e com o fogo, e, na cultura cristã, pode ser tomada positiva e negativamente. Positivamente, o vermelho do sangue de Cristo, que dá a vida e purifica, e o vermelho do fogo do Espírito Santo, que ilumina. Negativamente, o vermelho do sangue liga-se a tabus bíblicos, da carne impura, da morte. O vermelho do fogo é o vermelho satânico, das chamas do inferno, que queima e destrói. Estes quatro vermelhos, tão antigos, influenciam até hoje as utilizações que se fazem desta cor

na vida cotidiana com sua simbologia social: o vermelho da vida (estímulo, paixão) e o vermelho da morte (perigo, proibição).

O verde, que na Idade Média representava não só a cor da água, uma cor líquida, quase incolor, mas também a desordem, a transgressão, ganha, a partir do século XIX, o significado de permissão, liberdade, em oposição ao vermelho, interdição. Isto porque, na teoria das cores primárias e complementares (séculos XVIII/XIX) o verde é a cor complementar do vermelho. Ou seja, nessa relação o verde ganha, por inversão ou por oposição, o novo sentido atribuído (Pastoureau 1997).

Os significados das cores sempre estiveram, portanto, ligados à experiência e à sensibilidade do homem diante do mundo que o cerca. Por isso toda percepção e fatos de nomação que delas decorrem têm caráter fortemente cultural, condicionando as nossas escolhas e as nossas condutas, exprimindo inconscientemente as nossas emoções.

Linguagem e cultura são, pois, contextos entrelaçados com base num sistema de signos interpretáveis, familiares a qualquer falante nativo. Como vão fazer sentido, então, para o aprendiz de PL2/PLE, esses signos linguísticos se ele não souber interpretá-los? Como pode ele compreender e usar a expressão *alvinegro roxo*, por exemplo, se ele não a interpretar à luz de uma entidade básica da cultura brasileira: a paixão exacerbada pelo futebol?

Compreender os significados das cores e sua idiomaticidade em palavras e expressões do Português no Brasil é, pois, mergulhar no universo plural da comunidade brasileira, nesse emaranhado histórico-social de raças, origens, crenças, preconceitos, constrangimentos, euforias.

A análise deste tema, portanto, baseia-se não só em conceitos linguísticos (lexicais, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos) mas também em conceitos sociais, históricos, culturais, antropológicos.

A apresentação de algumas situações de rotina, ficcionadas em sala de aula numa escola americana do Rio de Janeiro a adolescentes de várias nacionalidades, falantes de inglês e alunos de PL2/PLE, de um a dois anos no Brasil, foi um dos motivos pelos quais eu me interessei pela pesquisa que ora apresento.

Ao serem expostos às situações referidas (explicação da atividade em anexo, ao final deste trabalho), os alunos, em dado momento, deveriam explicar o

que entendiam pelos contextos e pelas palavras e expressões com cores presentes neles. Dentre os resultados dessa atividade, destaco algumas respostas: “amizade racial” para *amizade colorida*, “estar muito triste” para *tudo azul*, “dentes sujos” para *sorriso amarelo*, “*black underwear*” e “ficante” para *ter um pretinho básico*.

Todas estas expressões são familiares a qualquer falante nativo do português do Brasil. O mesmo não aconteceu com esses alunos, aprendizes de PL2/PLE. As expressões causaram-lhes estranhamento e eles, com o uso de seu conhecimento limitado ou até com o auxílio de um dicionário, arriscaram-se a fazer uma tradução literal ou algumas associações igualmente incorretas. Seriam os falantes ingênuos, termo usado por Fillmore (1979), segundo Tagnin (1989), em **Expressões idiomáticas e convencionais**, aqueles falantes que não têm a capacidade de perceber o metafórico e/ou idiomático, que não são capazes de julgar a adequação de expressões fixas a certos tipos de situação, e que, afinal, ainda não conhecem a língua na sua intimidade e variedade semântica.

Assim, *amizade colorida* não é uma amizade de etnias, mas uma relação prazerosa, sem compromisso; *sorriso amarelo* não é um sorriso com dentes sujos e sim um sorriso forçado, a contragosto; da mesma forma *ter um pretinho básico* não se refere a calcinha ou sutiã pretos, ou a um “ficante”, mas a ter um vestido elegante, com classe, que dá para qualquer ocasião.

É interessante observar que a associação do termo “ficante” (de “ficar com alguém”, gíria do adolescente brasileiro em geral, equivalente a um namorado passageiro, sem compromisso) a *pretinho básico*, embora incorreto, demonstra que esse aprendiz de PL2/PLE já tem um certo conhecimento da linguagem informal entre os jovens da sua idade.

Exemplos como esses não se podem compreender sem adquirir simultaneamente o conhecimento sociocultural relevante e tornam-se, portanto, armadilhas para os alunos de PL2/PLE. Cabe ao professor evitar que elas aconteçam, embora ele também deva ter em mente que o *eu* da segunda língua não é jamais, completamente, o da língua materna e que o aluno já traz consigo uma longa história com a sua língua e essa história interferirá sempre em sua maneira de abordar a segunda língua (Revuz 1992): perceber, por exemplo, *azul* em *tudo azul* com a conotação de tristeza, pela interferência inconsciente da língua

materna – o inglês *blue* –, e ver que o real significado da expressão dada – “tudo bem” – só vai ser decifrado com a ajuda do professor de PL2/PLE.

É necessário, portanto, desenvolver no aprendizado estratégias que ponham o aluno à vontade com as peculiaridades da língua que lhe é estrangeira e com os hábitos sociais, culturais e psicológicos de seus falantes, mostrando-lhe, sempre que possível, que motivações sócio-metafórico-pragmáticas fizeram e fazem desses termos com cor um campo tão rico de diferentes conotações, significados e usos.

A observação de alguns livros de Português para estrangeiros existentes no mercado demonstrou, entretanto, uma escassez de material didático que trate desse tema de forma abrangente.

Os livros selecionados nessa observação e cujos conteúdos relativos a cores vêm anexados e brevemente analisados ao final deste trabalho foram: **Muito Prazer** (1989), volume 1, de Ana Maria Flores Santos; **Ensinando Português do Brasil** (1996), livro texto e livro de atividades, de Maria Nazaré Laroca *et al.*; **Ponto de Encontro – Portuguese as a World Language** (2006), de Anna Klobucka *et al.* Há neles algumas referências ao estudo de termos designativos de cores, mas basicamente com o seu significado literal, denotativo.

Em **Muito Prazer**, a autora usa as cores básicas para descrever roupas ou traços físicos de personagens; em **Ensinando Português do Brasil**, os alunos são convidados a relacionar as cores a emoções, com o apoio da canção “Raio das Cores”, de Caetano Veloso (<http://www.lastfm.es/music/Caetano+Veloso>) e, em **Ponto de Encontro**, as autoras fazem uma breve explicação em inglês de algumas nuances dos termos designativos de cores no Brasil (vermelho, cinza) e em Portugal (encarnado, cinzento), e sugerem aos alunos que façam um levantamento das cores nas bandeiras dos países de língua portuguesa. Nenhum livro, entretanto, menciona qualquer vocábulo ou expressão idiomática em que um dos termos seja uma cor.

Outra razão que me levou a esta pesquisa foi o fato de que sempre me atraiu a forma de produção e composição metafórica e idiomática das línguas em geral e do português em particular. Sapir (1949), *apud* Ullman (1967), afirma que a língua é como um rio, tem um curso, um perpétuo fluir e que, dentre todos os elementos linguísticos, o significado é o mais suscetível a mudanças: o

vocabulário de uma língua é, pois, uma estrutura instável, em que as palavras individuais podem adquirir e perder significados com facilidade. Escolhi, portanto, o segmento das cores e como elas se inserem nesse campo da linguagem figurada e da idiomaticidade.

Acredito, pois, que o estudo de vocábulos e expressões com cor aqui apresentado possa ser importante para o aprendizado do Português como Segunda Língua e Português para Estrangeiros já que, com a análise e a categorização feitas, pretendo aproximar professor e aluno nessa conexão linguístico-cultural, necessária para o aprendizado da língua-alvo.